

# O DESEMPENHO ESCOLAR NO 3º CICLO: UM OLHAR COM BASE EM CONFIGURAÇÕES HIERARQUIZADAS

*José L. C. Verdasca*

Universidade de Évora - Departamento de Pedagogia e Educação

## Resumo

Este artigo apresenta e discute os resultados de um estudo realizado em dois municípios do Alentejo Central sobre a evolução do grau de desempenho escolar no 3º ciclo do ensino básico no período de 1995 a 1999. A medida do desempenho apresenta-se resumida através de um índice-síntese, constituído a partir da projecção da coorte fictícia por transposição de índices simples do estado da população escolar. A desagregação por ano lectivo, município, tipologia da escola e sexo-género da população escolar conduziu à constituição de perfis e à determinação hierárquica dos elementos combinados, bem como ao apuramento de coeficientes de congruência e respectivas distâncias. Os resultados evidenciam em especial a relação indirecta entre o elemento cronológico 'ano lectivo' e o desempenho e ainda o sobredesempenho feminino face ao masculino e uma certa tendência de conglomeração ao nível da variável tipologia da escola, tendendo de um lado a agrupar-se escolas básicas e do outro escolas secundárias. O afrouxamento progressivo de um certo cerco administrativo face à progressão automática, a natureza hiper-estável do sistema educativo e o efeito de refluxo negativo, são algumas das linhas de interpretação e discussão dos resultados lançadas para o debate.

## Introdução

Num estudo intitulado *Municípios do Alentejo*, publicado em 1997 pelo INE-DRA, procede-se à hierarquização dos municípios alentejanos tomando por referência um índice global de desenvolvimento (índice sócio-económico) e que é ele próprio resultante da agregação dos índices parciais ‘demográfico’, ‘económico’ e ‘qualidade de vida’. O índice de educação é, por sua vez, um dos seis índices que o modelo faz incluir na constituição do índice de qualidade de vida e combina aspectos relacionados com uma maior ou menor tradição de cultura escolar através de indicadores como a taxa de analfabetismo, o número de professores por 1000 habitantes, a taxa de escolarização, os alunos matriculados por 1000 habitantes e os alunos matriculados no ensino superior por 1000 habitantes, ou com condições logísticas e de acessibilidade à escola, por parte dos adolescentes e jovens, a partir de indicadores como a distância média percorrida até à escola EB3 (9º ano) mais próxima e a distância média percorrida até à escola secundária (12º ano) mais próxima.

A insistência num índice-resumo de educação dos municípios deve-se ao facto de, por um lado, este ter sido utilizado como elemento de hierarquização dos municípios do Alentejo em termos de qualidade de vida das suas populações e, por outro lado, constituir, de alguma forma, um indicador de base à definição do ‘contexto espacial envolvente’ e, num certo sentido, poder afigurar-se como uma medida do grau de suscitamento induzido por esse contexto espacial quer em relação a expectativas e aspirações futuras, quer em relação a oportunidades de êxito escolar e profissional.

Os catorze municípios do Alentejo Central apresentam-se distribuídos por seis classes de hierarquização, constituídas com base nas medidas estatísticas média e desvio-padrão do índice de educação <sup>1</sup>. Ainda que este índice-resumo possa, por si só, constituir um indicador relativamente grosseiro do nível de realização educativa e da dinâmica geracional escolar dos municípios alentejanos, a verdade é que uma tal hierarquização, ao fazer evidenciar disparidades e situações acentuadamente assimétricas entre os municípios, dá fundamento aos seguintes cenários hipotéticos:

i) nesta geografia de pessoas e lugares existem contextos espaciais envolventes escolarmente mais estimulantes ou menos estimulantes e,

---

<sup>1</sup> O processo de constituição das classes de ordenação baseou-se no seguinte critério: Classe I ( $X_i > m + s$ ); Classe II ( $m + 0.5s \leq X_i \leq m + s$ ); Classe III ( $m \leq X_i \leq m + 0.5s$ ); Classe IV ( $m - 0.5s \leq X_i \leq m$ ); Classe V ( $m - s \leq X_i \leq m - 0.5s$ ); Classe VI ( $X_i < (m - s)$ ).

consequentemente, fazendo suscitar um maior ou menor grau de apetência escolar por parte dos adolescentes e jovens;

ii) tais contextos decorrem em grande parte dos ambientes sócio-educativos e instrutivos suscitados pelos níveis de alfabetização e escolarização das populações residentes;

iii) os contextos geográfico-territoriais potenciam influências e pressões de índole diversa e acabam por marcar, de alguma forma, as prestações e trajectórias escolares das respectivas populações;

iv) as diversas *nuanças* e configurações dos contextos envolventes, e em particular de alguns dos seus aspectos de ordem estrutural, dão espaço a eixos analíticos que se distanciam de uma mera geometria geográfico-territorial e tendem a direccionar as suas bases e lógicas interpretativas para as orientações escolares decretadas e composições organizacionais delas decorrentes, designadamente, nas suas vertentes pedagógico-didáctica e administrativo-organizativa escolar.

## Metodologia

A escolha dos municípios seguiu um critério aleatório, tendo-se optado, por questões de maior facilidade operativa, por seleccionar apenas dois municípios, um de cada uma das classes extremas do índice de educação da NUT - Alentejo Central.

Do universo dos estabelecimentos escolares analisados nos municípios de Évora e de Portel, os municípios seleccionados, respectivamente, da classe I e da classe VI, fazem parte cinco escolas básicas 2-3 e três escolas secundárias com 3º ciclo, relativamente às quais foi apurado por ano lectivo, no período 1995 a 1999, e por sexo-género o respectivo índice-síntese de desempenho global escolar, um índice apurado a partir da coorte fictícia, com base na análise longitudinal de fontes estatísticas e do alisamento estimado pelo método dos mínimos quadrados dos índices simples relativos ao estado da população escolar <sup>2</sup>. A determinação da posição hierárquica dos ‘elementos combinados’ foi feita com base nas medidas estatísticas ‘média’ e ‘desvio-padrão’ do índice-síntese de desempenho escolar, segundo um critério de agrupamento idêntico ao da hierarquização dos municípios <sup>3</sup>.

<sup>2</sup> O índice-síntese de desenvolvimento global educativo é um índice que combina dimensões de eficácia e de eficiência internas escolares, através da agregação, em igual proporção, dos respectivos índices compostos de probabilidade de sucesso escolar e rendimento interno escolar.

<sup>3</sup> Dado que nem todas as escolas tiveram em funcionamento o 3º ciclo no período de 1995 a 1999, o número de elementos do produto cartesiano não é de 80, mas de apenas 64. Para 64 observações optou-se pela constituição de seis classes, tomando como princípio que todas as classes devem ter o mesmo intervalo e de que as classes extremas podem ser abertas.

*Quadro n° 1*  
*Ordenação das escolas por tipologia, ano lectivo e grupo populacional*

Classes	Escolas *	Índices	Classes	Escolas *	Índices	
Classe I	EB2/96M	> 0,964	Classe III	EB4/98H	0,871 a 0,917	
	EB2/96H			EB3/97H		
	ES2/96M			EB2/98H		
	EB2/97H			EB5/97M		
	EB2/97M			EB3/97M		
	EB5/95H		Classe IV	ES3/95H	0,825 a 0,870	
	EB5/96M			ES1/98M		
Classe II	EB4/99M	EB1/97H		0,778 a 0,824		
	EB5/99M	EB5/99H				
	EB2/98M	ES2/98H				
	EB3/95M	ES1/97H				
	EB4/97H	EB2/99M				
	ES2/96H	ES3/96M				
	EB5/95M	EB3/99H				
	ES2/98M	EB1/98H				
	EB3/98M	ES2/99H				
	EB3/95H	Classe V	EB4/97M		0,778 a 0,824	
	ES2/99M		EB3/98H			
	ES2/97M		EB1/99H			
	ES1/96H		EB4/98M			
	ES2/95M		EB3/96H			
	ES1/95M	ES2/95H	Classe VI		EB1/98M	< 0,778
	ES1/96M	EB5/98H				
	ES3/95M	EB2/99H				
	EB5/96H	ES1/98H				
	EB5/98M	ES1/95H				
Classe III	ES3/96H	0,871 a 0,917	EB4/99H	< 0,778		
	EB5/97H		EB1/97M			
	ES2/97H		EB1/99M			
	EB3/96M		ES1/99H			
	EB3/99M		ES1/99M			
	ES1/97M					

\* Por questões de ética institucional, as escolas estão referenciadas segundo um número de código

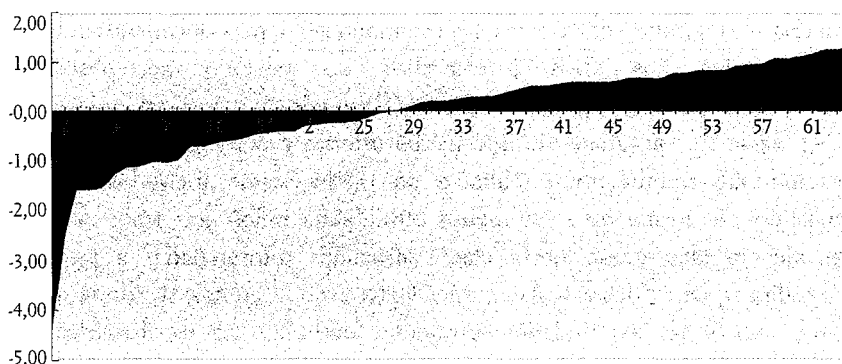
## Apresentação e leituras dos resultados

A aplicação do modelo analítico conduziu a uma distribuição assimétrica negativa ( $G = -0,65$ ), com média (0,871) inferior à mediana (0,892) e em que 37 das 64 observações apresentam valores superiores à média.

A presente distribuição tem como classe modal a classe II, designada de 'classe moderada superior', a qual integra 19 observações, com valores extremos compreendidos entre 0.5 e 1 desvio padrão e a que correspondem valores bastante distanciados das classes V e VI, como se pode depreender da observação do gráfico correspondente.

*Gráfico n.º 1*

*Distribuição normalizada do índice de desempenho escolar*



A classe I, que designamos de 'classe extrema superior', contém os 7 casos com um índice-síntese de desempenho mais elevado. Representando cerca de 11% do total de observações, comporta desempenhos de escolas com as seguintes características: i) ocorrem na sua grande maioria em escolas básicas 2-3, embora apenas duas das cinco existentes estejam representadas neste grupo; ii) estão representados de forma relativamente equilibrada quer o grupo populacional feminino (4 casos), quer o masculino (3 casos); iii) mais de metade dos casos estão referenciados ao ano lectivo 95/96 e todos eles ocorreram entre 94/95 e 96/97.

A classe II representa cerca de 30% dos casos e tem como principais traços característicos os seguintes: i) sete das oito escolas estão representadas nesta classe, estando todas as secundárias e faltando apenas uma básica, da qual aliás (e talvez por isso!) só existe apuramento de resultados a partir do ano 95/96; ii) a existência de um relativo equilíbrio entre básicas (10) e secundárias (9); iii)

cerca de  $\frac{3}{4}$  dos desempenhos estão reportados ao grupo feminino, estando o grupo masculino indiferenciadamente distribuído por escolas do tipo 'B' ou 'S', porém, relativamente sempre a um período cronológico que no caso das escolas secundárias é 1996 e no caso das básicas não vai além de 1997, enquanto o grupo feminino se distribui entre 1995 e 1999; iv) no caso das escolas básicas, a EB5 apresenta-se dominadora, em especial por via da população feminina e só não marcando posição no ano de 1997. No caso das secundárias, domina a ES2, detendo 5 das 9 presenças das escolas 'S' e conseguindo-o em 80% dos casos por conta da população feminina e com desempenhos referenciados na maioria das vezes ao período de 1995 a 1997.

A classe III, designada de intermédia superior e incluindo escolas com desempenhos imediatamente acima da média, representa 17% do total de casos observados, dos quais 8 ocorrem em escolas 'B' e 3 em escolas 'S'. Relativamente aos grupos populacionais predominantes nesta classe, verifica-se um relativo equilíbrio entre estes. De um modo geral, prevalecem desempenhos referenciados aos anos intermédios do período de observação, indiferenciadamente, segundo a tipologia da escola ou o grupo populacional.

Na classe IV, designada de intermédia inferior e comportando os casos de desempenho imediatamente abaixo da média, estão incluídos 11 casos, repartidos de forma mais ou menos equilibrada pelos dois tipos de escola. Prevalencem claramente nesta classe situações referenciadas à população masculina (quase  $\frac{3}{4}$  dos casos) e os anos lectivos de referência distribuem-se um pouco por todas as unidades temporais, embora, nas escolas básicas de população masculina prevaleçam desempenhos referenciados aos últimos anos lectivos do período observado.

Quanto à classe V, comporta 7 observações, representando cerca de 11% da amostra, cujas características dominantes são as seguintes: i) grande predomínio de referências a escolas básicas (6 casos); ii) relativo equilíbrio entre os grupos populacionais; iii) referências temporais a um período que tende a centrar-se por volta do ano de 1998 no caso das escolas 'B', quer relativamente ao grupo 'H', quer ao 'M' e em 1995 no caso das escolas secundárias.

Por último, a classe VI, incorporando as pontuações do extremo inferior do corredor da escala, contendo 9 casos de observação, os quais representam 14% do total dos casos amostrais. Como traços distintivos mais salientes desta classe, assinala-se em primeiro lugar, o predomínio claro de observações referenciadas aos anos finais da série e com um relativo ascendente do ano de 1999 sobre os restantes, independentemente do tipologia da escola em causa e do grupo populacional de referência. De sublinhar ainda que a representação das escolas secundárias nesta classe é assumida por inteiro por uma única escola, embora

em 3 das 4 situações, neste caso específico, o desempenho se apresente referenciado à população escolar masculina. No caso das escolas básicas, não emerge tão claramente esse tipo de dominância, uma vez que os casos de desempenho classificados como pertencentes a esta classe se repartem por 4 escolas B2-3, como também não emerge propriamente uma tendência em termos de perfil populacional neste tipo de escolas.

Numa tentativa de sistematização dos principais traços caracterizantes que os perfis das classes anteriores deixam transparecer e centrando-nos particularmente nas duas classes superiores e inferiores mais extremadas, depreendem-se como principais linhas de força as seguintes:

i) o elemento cronológico ‘ano lectivo’ afigura-se como uma variável diferenciadora do desempenho escolar e tende a configurar uma estrutura de relação indirecta, ou seja, às classes mais elevadas de desempenho (classes I e II) apresentam-se predominantemente associados os primeiros anos lectivos da série temporal (anos de 1995, 1996 e 1997) e às classes V e VI, as de desempenho menos elevado, os últimos anos da série (anos de 1998 e 1999);

ii) apesar de uma certa hegemonia da população feminina em termos de resultados escolares, os elementos ‘masculino’ e ‘feminino’ estão representados nas classes extremas de desempenho de forma relativamente equilibrada;

iii) do mesmo modo, tanto as escolas básicas como as secundárias, tendem a distribuir-se de forma relativamente equilibrada pelas classes superiores e inferiores extremas e moderadas de desempenho.

A “não-espuriedade” da relação ‘período temporal’ vs. ‘desempenho escolar’, face às variáveis ‘tipologia da escola’ e ‘sexo-género da população’ demonstra-se ainda a partir dos resultados constantes dos quadros seguintes:

*Quadro n° 2*  
*Desempenho escolar segundo o período temporal*

Classes	1º Período			2º Período	
	freq.	%	d	freq.	%
I e II	19	79,2	40,3	7	38,9
V e VI	5	20,8	40,3	11	61,1
Total	24	100	–	18	100

*Quadro n° 3**Desempenho educativo segundo a tipologia da escola e o período temporal*

Classes	Escolas Básicas						Escolas Secundárias					
	1º Período			2º Período			1º Período			2º Período		
	freq.	%	d1	freq.	%		freq.	%	d2	freq.	%	
I e II	11	78,6	40,1	5	38,5		8	80,0	40,0	2	40,0	
V e VI	3	21,4	40,1	8	61,5		2	20,0	40,0	3	60,0	
Total	14	100	-	13	100		10	100	-	5	100	

Como se depreende do quadro anterior, a introdução da variável ‘tipologia da escola’ como variável de controlo, não conduziu a uma redução dos desvios percentuais ( $d \approx d1 \approx d2$ ), donde se conclui que esta variável não altera a correlação tendencialmente negativa entre o desempenho e o período cronológico de referência.

No que respeita ao tipo de grupo populacional, a sua introdução já provoca desvios que, no caso da população masculina, se traduzem num acréscimo das diferenças e, no caso da população feminina, na redução parcial dessas diferenças. Ainda assim, a estrutura da distribuição das observações por classe e período temporal não altera o seu sentido tendencial quando se procede à introdução dos grupos masculino e feminino. Digamos antes, que no caso da população masculina, se acentuam um pouco mais essas diferenças entre os dois períodos, deixando mesmo de se observar a presença do sub-grupo masculino nos anos de 1998 e 1999 nas classes I e II e que, no caso da população feminina, se observa nas mesmas classes um esbatimento dessas diferenças, sem que todavia se altere o sentido tendencial das mesmas.

*Quadro n° 4**Desempenho escolar segundo o sexo-género e o período temporal*

Classes	População masculina						População feminina					
	1º Período			2º Período			1º Período			2º Período		
	freq.	%	d1	freq.	%		freq.	%	d2	freq.	%	
I e II	8	72,7	72,7	0	0,0		11	84,6	21,0	7	63,6	
V e VI	3	27,3	72,7	7	100,0		2	15,4	21,0	4	36,4	
Total	11	100	-	7	100		13	100	-	11	100	

O ‘ano lectivo’ tende a ser na estrutura de desempenho do 3º ciclo um factor dominador e em que o indagar de ‘por que é que o é?’, parece encontrar na força e no poder da vertente nomotética da administração educativa na



condução das organizações escolares uma explicação plausível. Apesar de alguns focos de ‘culturas organizacionais-escolares de resistência’, e ainda que talvez mais acentuadas em algumas escolas do que noutras, a adopção e aplicação generalizada do ‘princípio da progressão automática’ constitui muito provavelmente um eixo interpretativo para a configuração correlacional indirecta entre o elemento cronológico ‘ano lectivo’ e o ‘desempenho escolar’. Com efeito, e apesar de uma certa imagem de “burocracia profissional” (Mintzberg, 1995) que é hoje comumente atribuível à escola, as relações de dependência hierárquica, os ritos de obediência para com a administração educativa central e regional e a permanência do princípio da conformidade de procedimentos como elemento regulador e mecanismo de coordenação não contornável, parecem continuar a não deixar às escolas espaço de manobra face às orientações e prescrições normativas da administração educativa central, bem acompanhada, aliás, por uma certa vigilância apertada da administração educativa regional.

### Triangulação

Passemos de seguida a analisar através do modelo ‘Serafiniano’ o perfil proposicional inferido dos resultados anteriores. Subjacente ao critério de selecção dos municípios amostrados esteve, de uma certa maneira, a plausibilidade de influência que os contextos espaciais envolventes podem ter na interiorização e enraizamento de uma maior ou menor cultura escolar e no papel que é atribuído pelas populações locais à escola no delineamento e realização de projectos pessoais e profissionais futuros. O referente configurativo integra como facetas o município, a tipologia do estabelecimento de ensino e o sexo-género da população escolar <sup>4</sup>.

De acordo com os resultados anteriores não emergiu para além do ano lectivo nenhuma outra variável diferenciadora do desempenho que esteja simultaneamente incluída no produto cartesiano <sup>5</sup>, pelo que está fora de questão o desenvolvimento de uma análise confirmatória relativamente a um

---

<sup>4</sup> No município de Portel existe apenas a modalidade ‘básico 2-3’, pelo que o produto cartesiano das facetas ‘município’, ‘tipologia da escola’ e ‘sexo-género da população escolar’ é constituído apenas por seis perfis combinatórios.

<sup>5</sup> Apesar de, na análise anterior, o ano lectivo ter sido das variáveis em teste a que se revelaria associada ao desempenho escolar, não o tomaremos aqui como faceta, mas sim como referencial de informação histórica em relação a cada um dos perfis combinatórios constituídos.

dado perfil proposicional inferido desses resultados. Resta-nos, em alternativa, manter sob teste as diversas variáveis, não no sentido de confirmarmos ou não essa sobre-presença no desempenho das escolas ao longo da segunda metade dos anos noventa, mas antes numa perspectiva de aprofundamento de pistas interpretativas relativas aos possíveis contornos da diluição da sua influência no 3º ciclo.

Feitas as necessárias considerações, passemos à observação dos resultados a que conduziu a aplicação do modelo dos coeficientes de congruência de Serafini ao índice de desempenho escolar de cada um dos seis perfis combinatórios constituídos.

*Quadro nº 5*  
*Índice de desempenho escolar por ano lectivo*

	E-Bas-H	E-Bas-M	E-Sec-H	E-Sec-M	P-Bas-H	P-Bas-M
1995	0,905	0,925	0,787	0,883	0,922	0,948
1996	0,903	0,937	0,900	0,893	0,882	0,972
1997	0,902	0,919	0,872	0,878	0,938	0,923
1998	0,863	0,906	0,806	0,890	0,838	0,893
1999	0,837	0,879	0,776	0,787	0,839	0,817

Legenda: E - Município de Évora; P - Município de Portel; Bas - Escola Básica 2-3; Sec - Escola Secundária; H - População escolar masculina; M - População escolar feminina.

As posições relativas de cada uma das combinatórias estão indicadas, no quadro seguinte, pelos seis coeficientes de congruência correspondentes.

*Quadro nº 6*  
*Coefficientes de congruência dos perfis*

C1n = 0,88	C3n = 0,82	C5n = 0,88
C2n = 0,91	C4n = 0,86	C6n = 0,90

Comparando os respectivos valores dos coeficientes, constata-se que os trios 'E-Bas-M' e 'P-Bas-M' são os que mais se aproximam de uma situação de pleno desempenho e, ao contrário, os perfis combinatórios 'E-Sec-H' e 'E-Sec-M' são os que mais se afastam do máximo teórico de desempenho escolar.

Relativamente às distâncias entre os vários grupos em análise, a matriz dos coeficientes de congruência possibilita-nos essa informação.

*Quadro n° 7*  
*Matriz dos coeficientes de congruência*

	E-Bas-H	E-Bas-M	E-Sec-H	E-Sec-M	P-Bas-H	P-Bas-M
E-Bas-H	1,00	0,94	0,89	0,96	1,00	0,97
E-Bas-M		1,00	0,83	0,90	0,93	0,97
E-Sec-H			1,00	0,92	0,89	0,86
E-Sec-M				1,00	0,97	0,93
P-Bas-H					1,00	0,96
P-Bas-M						1,00

Comparando os valores dos coeficientes da matriz é de assinalar, em primeiro lugar, que as distâncias relativas entre os diversos perfis são baixas, verificando-se mesmo uma observação de distância nula entre as combinatórias 'E-Bas-H' e 'P-Bas-H', seguindo-se-lhe, de perto e em igualdade de posições, os pares 'E-Bas-H'/'P-Bas-M', 'E-Bas-M'/'P-Bas-M' e 'E-Sec-M'/'P-Bas-H'. Por outro lado, os dois pares de maior distância entre si são dados pelas combinatórias 'E-Bas-M'/'E-Sec-H' e 'P-Bas-M'/'E-Sec-H'.

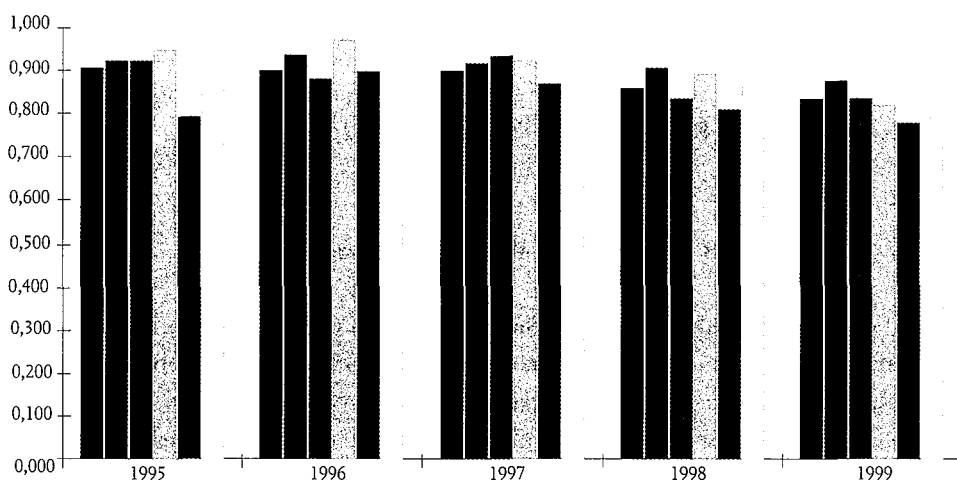
### Interpretação e discussão dos resultados

Fazendo uma outra leitura dos dados, agora mais dirigida à procura de pistas tendenciais, refira-se em relação ao par de elementos de maior proximidade entre si, que apenas os elementos da variável 'município' permutam; alargando este tipo de procedimento comparativo aos elementos dos três pares seguintes de igual proximidade, os elementos Évora-Portel permutam sempre, enquanto que os elementos das variáveis 'tipologia da escola' e 'sexo-género da população escolar' permutam, respectivamente, por uma e duas vezes. Depreende-se daqui, ainda que quebrado num dos casos, uma certa tendência de conglomeração ao nível da variável 'tipologia da escola', tendendo a formar-se, de um lado, uma constelação de escolas básicas e do outro, uma constelação de escolas secundárias.

Repetindo o procedimento para os pares cujos elementos combinatórios se apresentam agora mais afastados entre si, as observações confirmam a tendência de conglomeração anteriormente detectada, uma vez que, da análise quer dos dois pares mais afastados, quer dos quatro mais, tem-se sempre ao nível da variável 'tipologia da escola', qualquer que seja a situação, permuta total de elementos, enquanto que nas restantes variáveis tal ocorrência já não se verifica.

Quanto à ‘similaridade configuracional’<sup>6</sup> e respectiva ‘amplitude trajectorial’<sup>7</sup>, cujo resumo completo dispensa apresentação, dado que aquela é somente uma medida do grau de configuração das ordens evolutivas no referencial cartesiano das unidades tríplicas, não informando nem sobre as suas distâncias entre si, nem sobre o seu grau de realização relativamente à norma (ideal esperado) e a segunda é aqui referida numa perspectiva de complementaridade da primeira, sinalizam-se apenas os pares em que se observa um grau de alta similaridade configuracional e, simultaneamente, de reduzida amplitude trajectorial. Assim, com uma similaridade perfeita ( $SC = 1$ ;  $AT = 0.03$ ), tem-se o par ‘E-Bas-M/P-Bas-M’; seguem-se os pares ‘E-Bas-H/E-Bas-M’ e ‘E-Bas-H/P-Bas-M’, com alta similaridade configuracional, respectivamente, 0,83, 0,03 e 0,83, 0,04.

Gráfico nº 2  
*Perfis da população escolar do 3º ciclo do básico*



<sup>6</sup> A tabela de interpretação proposta por Serafini (1990) é a seguinte: de 0,90 a 1 - similaridade configuracional praticamente perfeita; de 0,70 a 0,89 - alta similaridade; 0,40 a 0,69 - similaridade moderada; 0,20 a 0,39 - baixa similaridade; 0 a 0,19 - similaridade praticamente nula.

<sup>7</sup> A amplitude trajectorial, cuja fórmula de cálculo é  $AT = 1 - |1 - (\text{Desvio médio } \bar{X}_{i...Y_i}) / (\text{Média } \bar{X}_i \dots \bar{Y}_i)|$  é um conceito-medida por nós desenvolvido e que informa da proximidade ou do afastamento dos traçados gráficos de um par de combinatórias. Com efeito um elevado coeficiente de similaridade configuracional não significa necessariamente proximidade gráfica em termos de traçado, mas apenas silhuetas de contornos evolutivos semelhantes, ainda que uma dessas silhuetas possa evoluir junto ao eixo horizontal e o outro perfil real evolua segundo uma linha que intersecta o eixo vertical num ponto coincidente ou próximo dos valores máximos teóricos de referência. O facto de se obterem coeficientes praticamente perfeitos ou de alta similaridade por exemplo, não significa que não possamos ter de igual modo amplitudes trajectoriais elevadas e significando, neste caso, que apesar desse elevado grau de similaridade, os valores de realização de cada combinatória do par seriam muito diferenciados entre si; ou, por outro lado, uma amplitude trajectorial extremamente baixa o que significaria não só uma configuração semelhante mas também uma coincidência ou perto disso dos traçados.

A representação gráfica dos perfis, tomando por referência os respectivos coeficientes de congruência, permite evidenciar os seguintes aspectos:

Um primeiro aspecto, relacionado com a configuração em escada do traçado gráfico e de onde sobressai de 1996 a 1999 um sentido de evolução tendencialmente descendente, não só em termos médios globais mas que se estende também aos seis perfis combinatórios mesmo quando individualmente considerados, daqui se depreendendo que esta linha de regularidade em decréscimo atravessa ambos os municípios, ambos os tipos de escola e ambos os sub-grupos populacionais.

O nivelamento dos índices de Évora e de Portel e o não enfraquecimento ao longo dos sucessivos anos lectivos deste padrão de comportamento dos dados, retira de algum modo significado e consistência a uma eventual relação entre os aspectos contextuais globalizantes e o desempenho escolar.

Por último, uma tendencialmente maior diferenciação de desempenho por tipologia de escola do que em relação ao sexo-género da população escolar, e cuja expressão atravessa de um modo geral toda a sucessão cronológica, é outro dos traços que tende a emergir dos resultados.

### Considerações finais

Em jeito de conclusão, fica como primeira ideia a de que o ‘movimento tendencial em queda’ do desempenho escolar no 3º ciclo do básico, ao longo da segunda metade dos anos noventa, não significa necessariamente uma perda progressiva de qualidade em termos de realização escolar, mas provavelmente um certo e quase inevitável afrouxamento do ‘cerco administrativo’ à implementação generalizada da progressão automática e que conjugado com a própria natureza hiper-estável do sistema educativo, teve como consequência imediata a descida progressiva dos anteriores níveis ‘virtuais’ de desempenho para níveis mais aproximados e fidedignos da realidade educativa escolar, todavia, bem mais incómodos e comprometedores quer no plano sócio-político, quer no plano organizacional-administrativo, quer mesmo no plano técnico-pedagógico.

Ademais, esta onda de regresso progressivo do ‘preço educativo’<sup>8</sup> aos valores do início da década de noventa, e ainda que mais heterogeneamente assumida

---

<sup>8</sup> Com a expressão ‘preço educativo’ (Verdasca, 2002), pretende-se designar o nível de exigência que o professor adopta como referente para a obtenção de uma determinada classificação no quadro das avaliações que realiza. Essas diferentes fasquias ou bitolas de exigência podem decorrer tanto de aspectos intrínsecos como extrínsecos ao professor. Inserir-

ao nível das escolas secundárias do que das escolas básicas 2-3, não deixará de estar, muito provavelmente, associada a uma maior prevalência e hegemonia das ‘culturas licealizantes’ nas primeiras. De resto, este lento e subtil movimento de recolocação da fasquia parece encontrar nas tipologias de escolas mais propícias à sobrevivência e prolongamento de ambientes e culturas organizacionais e pedagógicas predominantemente instrutivas e de ensino um caminho mais facilitado, que mais não seja, por via de um certo “efeito de refluxo negativo” (Madaus e Kellaghan, 1992; Landsheere, 1997), ‘imposto’ ou pelo menos sugestionado, de alguma maneira, pelos rituais avaliativos e de exposição pública em termos pedagógico-didácticos, administrativo-organizacionais e até mesmo sócio-políticos a que as escolas secundárias vão sendo sistemática e recorrentemente sujeitas nos finais dos anos lectivos.

### Referências bibliográficas e documentais

Almeida, C., Fragoso, R. e Marques, C., coord. (1997). *Os Municípios do Alentejo*. Évora: DRA-INE.

Direcção Regional de Educação do Alentejo. *Bases de dados relativas à população escolar do 3º ciclo*. Évora (período de 1995 a 1999).

Landsheere, G. (1997). *A Pilotagem dos Sistemas de Educação: como garantir a qualidade da educação?* Porto: Edições Asa.

Mintzberg, H. (1995). *Estrutura e Dinâmica das Organizações*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.

Serafini, O. (1990). Dimensões de Avaliação Institucional. Uma abordagem estrutural reportada à Universidade. *Inovação*. Vol. 3, nº 4, pp. 97-108.

Madaus, G. e Kellaghan, T. (1992). Curriculum evaluation and assessment . In: P. W. Jackson (ed.), *Handbook of Research on Curriculum*. New York: Macmillan, pp. 119-154.

Verdasca, J. (2002). *Desempenho escolar, dinâmicas de evolução e elementos configuracionais estruturantes*. Évora: Universidade de Évora (Dissert. de Doutoramento).

---

se-ão no primeiro caso os próprios modos individuais de ser e estar ou os padrões de cultura profissional instituída e adoptada; no segundo caso, factores contextualizantes de compaginação do ‘preço’ relacionados, por exemplo, com a qualidade do meio social e cultural da comunidade educativa escolar envolvente.

### Abstract

This article presents and discusses the results of a study carried out in two districts of the Alentejo Central regarding the evolution of the degree of school achievement of students in the third grade of the basic school system in the period of 1995 to 1999. The measure of achievement presents itself through a rate-synthesis built upon the projection of fictitious cohort by transposition a simple rates of the rank of the school population. The disaggregation through school year, district, school typology and sex-gender of the school population lead to the constitution of profiles and to the hierarchic determination of the combined elements as well as to the depuration of coefficients of congruence and their own distances. The results show clearly the indirect relation between the chronological element school year, the achievement and above all the female over achievement facing the male one and a certain tendency of conglomeration on the level of the variable typology of the school, leading to grouping the basic schools on one hand and the secondary schools on the one other hand. The progressive slackening of a certain administrative siege facing the automatic progression, the hyper-stable nature of the educational system and the effect of the negative reflux are some of the lines of interpretation and discussion of results that are on debate.